



FILHOS DE IMPÉRIO E PÓS-MEMÓRIAS EUROPEIAS
CHILDREN OF EMPIRES AND EUROPEAN POSTMEMORIES
ENFANTS D'EMPIRES ET POSTMÉMOIRES EUROPÉENNES

Sábado, 26 de janeiro de 2019



¿Con cuántas piedras se hace una balsa? | 2012 | [Rodrigo Oliveira](#) (cortesia do artista)

UM SOLILÓQUIO, VÁRIOS “FANTASMAS”

Miguel Bandeira Jerónimo

“A Kodak tem sido uma dolorosa calamidade para nós. De facto, é o inimigo mais poderoso que já enfrentámos. Nos primeiros anos, não tivemos dificuldade em levar a imprensa a “expor” os relatos de mutilações como calúnias, mentiras, invenções de missionários americanos intrometidos e estrangeiros exasperados que descobriram que a “porta aberta” da carta Berlim-Congo lhes estava fechada quando se apresentaram inocentemente para fazer negócio; e com a ajuda da imprensa conseguimos que todas as nações cristãs descartassem com irritação e incredulidade essas histórias e dissessem coisas duras



sobre quem as propalava. Sim, tudo corria harmoniosa e agradavelmente nesses bons tempos, e eu era olhado como o benfeitor de um povo pisado e sem amigos. Então, de repente, deu-se a catástrofe! Quer dizer, chegou a incorruptível Kodak – e toda a harmonia foi parar ao inferno! A única testemunha que, na minha longa experiência, não consegui subornar” (1).

Esta longa citação, uma entre muitas outras dignas de transcrição, consta do famoso *O Solilóquio do Rei Leopoldo. Uma defesa da sua autoridade no Congo*, da autoria de Mark Twain, livro dado à estampa originalmente em 1905 e recentemente publicado em Portugal pela Quetzal, numa cuidada edição (2). Na versão portuguesa, *O Solilóquio* é afortunadamente acompanhado por um excelente texto introdutório de António Araújo, que reconstitui, com rigor e erudição, os aspectos mais relevantes dos contextos, históricos, políticos e religiosos, que permitem enquadrar, no tempo e no espaço, a elaboração ficcional de Twain. De facto, das ambições imperiais que orientaram substancialmente a vida de Leopoldo II, desde cedo, até ao descalabro do Estado Independente (ou Livre) do Congo (EIC), já no século XX, passando pela centralidade e persistência dos discursos humanitários, científicos e filantrópicos no seio da estratégia de legitimação internacional do seu projecto pessoal ou pelos efeitos (materiais e humanos) do ciclo da borracha, o prefácio identifica os principais momentos-chave de “ascensão” e “queda” da empresa de Leopoldo e deslinda as dinâmicas políticas, a uma escala europeia e internacional, que os possibilitaram (3).

A “incorruptível Kodak” era a máquina fotográfica de Alice Harris, missionária, esposa de John Harris, secretário da *Anti-Slavery Society*, e formando com ela uma das mais importantes referências da causa reformista dos impérios coloniais europeus. Com a “maldita” Kodak, o regime de prova sobre as iniquidades praticadas pela administração colonial no interior do EIC – o “cemitério livre do Congo”, como se diz no texto, a “Terra dos Túmulos” – mudou de modo significativo. A documentação visual da “selvajaria civilizada” – expressão de Kevin Grant (4) – transformou-se. A prova visual de um regime que tolerava ou incentivava a aparição de figuras como René de Permentier, o sádico oficial da *Force Publique* (forças policiais do EIC), ou Léon Fiévez, que em quatro meses de serviço acumulou o impressionante registo de quinhentas e setenta e duas pessoas mortas, mudou de registo, e de alcance. A indignação foi autenticada. O poder probatório da fotografia afirmou-se, e foi sobejamente explorado por todos os que visavam denunciar, *demonstrando*, os pilares da empresa congoleza do “rei com dez milhões de assassinatos a pesar-lhe na alma”, como escreveu Twain (p. 89) (5).



O livro apresenta gravuras de alguns dos seus documentos fotográficos mais importantes e, até, uma imagem, melhor, uma composição de nove imagens com seres humanos a quem uma mão foi cortada (6). Uma das mais infamemente famosas fotografias – a que retrata Nsala contemplando a mão e um pé de uma pequena criança – ganhou circulação mundial nas páginas do livro de Edmund Dene Morel, *King's Leopold's Rule in Africa* (1904), e encontra-se, também, enquanto gravura, no *Solilóquio* (p. 80). Sobre a fotografia, John Harris escreveu a Harry Grattan Guinness (o responsável máximo pela *Congo Balolo Mission*, à qual o casal Harris pertencia desde 1896), dizendo: “a fotografia é muito reveladora, e enquanto slide [*lantern slide*, diapositivo da “lanterna mágica”] vai conduzir qualquer audiência a uma explosão de raiva”. E acrescentava: “a expressão na cara do pai, o horror dos que assistem, o apelo mudo da mão e do pé falará ao mais céptico”. Os propósitos religiosos, igualmente associados a discursos reformistas, seriam mais facilmente atingíveis. A reforma do império, não a sua desintegração, também (7). No livro de Twain permaneceu somente uma gravura, mas teve os mesmos, e poderosos, efeitos propagandísticos. O desdobramento dos registos em que muitas destas imagens surgiram no espaço público foi um dos aspectos centrais dos efeitos desagregadores que a campanha reformista teve no Congo de Leopoldo. Também ajuda a perceber algumas das suas reverberações contemporâneas, tanto historiográficas como artísticas, incluindo as que revelam uma deliberada cruzamento entre política, identidade e arte.

Estas e outras imagens continuam a povoar a feitura de histórias e a expressão de memórias dos tempos da colonização do Congo. Apesar de serem relativas a um período histórico específico, o mais bem estudado, de resto, são tomadas como representativas de outros tempos e, até, de toda a experiência colonial. O que tem o seus riscos. Fiquemo-nos por apenas dois. Por um lado, obscurece a imperiosa necessidade de se conhecer melhor a colonização belga após a morte do Rei e a estatização da colónia. Ao contrário do que as certezas que se disseminam em muitos textos fazem crer, sabe-se muito pouco ainda sobre o “Congo belga”, sobre a sua história, o que torna muito difícil perceber o seu presente. Por outro, a fixação nestes momentos e a compressão e o obscurecimento da *sua* história eclipsam o entendimento sobre a variedade de formas de violência simbólica e material que teceu o colonialismo do *petit pays* que tanto entediava o seu rei, das políticas da população às do trabalho e da terra. Aos “fantasmas” do rei Leopoldo sucederam-se outros. Apenas conhecemos (relativamente) bem os factos que suscitaram os primeiros. Talvez seja útil apreciar melhor os outros.



UM SOLILÓQUIO,
VÁRIOS “FANTASMAS”

-
- (1) Mark Twain, *O Solilóquio do Rei Leopoldo. Uma defesa da sua autoridade no Congo*. Tradução de Salvato Telles de Menezes (Lisboa: Quetzal, 2018).
 - (2) Mark Twain, *O Solilóquio do Rei Leopoldo. Uma defesa da sua autoridade no Congo*. Tradução de Salvato Telles de Menezes (Lisboa: Quetzal, 2018), pp. 104-105.
 - (3) António Araújo, “Das trevas, coração: Mark Twain e o Congo do rei Leopoldo”, pp. 9-57.
 - (4) Kevin Grant, *A “Civilized Savagery”: Britain and the New Slavery in Africa, 1884-1926* (New York: Routledge, 2005), *maxime* pp. 39-78.
 - (5) Miguel Bandeira Jerónimo, “As provas da ‘civilização’: fotografia, colonialismo e direitos humanos”, in Filipa Vicente, ed., *O Império da visão. Fotografia no contexto colonial português* (Lisboa: Edições 70, 2014), pp. 387-398.
 - (6) A mesma imagem, intitulada “Some of the victims”, surge como frontispício em “The crime of the congo” de Arthur Conan Doyle.
 - (7) Citação de Harris em Kevin Grant, *A “Civilized Savagery”*, p. 40. “The photograph is most telling, and as a slide will rouse any audience to an outburst of rage, the expression on the father’s face, the horror of the by-standers, the mute appeal of the hand and foot will speak to the most skeptical”. Quoted in Kevin Grant, *A “Civilized Savagery”*, p. 40.
-

Miguel Bandeira Jerónimo é historiador, investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e investigador associado do projeto MEMOIRS - *Filhos de Império e Pós-memórias Europeias* (ERC Consolidator Grant, n.º 648624).

MEMOIRS é financiado pelo Conselho Europeu de Investigação (ERC) no âmbito do Programa-Quadro Comunitário de Investigação & Inovação Horizonte 2020 da União Europeia (n.º 648624) e está sediado no Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra.